

EDUCAÇÃO, FORMAÇÃO HUMANA E IDENTIDADES PROFISSIONAIS DE UM GRUPO DE PROFESSORES EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE: NARRATIVA DE MEMÓRIA E FUNÇÃO DOCENTE FORMATIVA

Gleice Tatiana Marques Barbosa da Silva¹
UEMG
gleice.jhs@gmail.com

José Pereira Peixoto Filho
UEMG
peixotofi@hotmail.com

Fernando Lucas Oliveira Figueiredo²
UEMG
fernandolucasf@hotmail.com

Santuza Amorim da Silva
UEMG
santuza@hotmail.com

RESUMO: Este artigo pretende analisar a aplicação do conceito de formação humana nas escolas básicas através de relatos de professores de uma escola estadual do município de Belo Horizonte, MG. Primeiramente far-se-á uma discussão conceitual sobre formação humana. Em seguida se realizará uma breve discussão sobre identidade e identidade profissional docente para, num terceiro momento, verificar como o conceito de formação humana é aplicado pelos docentes pesquisados e suas interferências nas formas identitárias desse grupo. Por fim, apontar-se-á possibilidades de mudanças e permanências na formação que possam melhorar a humanização do ensino nas escolas básicas. A metodologia utilizada foi a narrativa de memória e relato através de questionário estruturado para obter o entendimento do conceito de formação

¹ SILVA, Gleice T. M. B.; Mestranda em Educação pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG); Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Minas Gerais (2014); Professora de anos iniciais da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais.

² FIGUEIREDO; Fernando L. O.; Mestrando em Educação pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG); Pós-graduado – Pós-Graduação em Cultura Africana e Afro-brasileira – UNIFEMM – Graduado em História (Licenciatura e Bacharelado) pela Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop – 2005); Orientador do Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio – UEMG/UFMG/MEC – Professor efetivo da E.E. Djanira Rodrigues de Oliveira e da Escola Municipal Dona Aramita (Lagoa Santa, MG) - fernandolucasf@hotmail.com.

humana para os professores pesquisados, sua influência em suas formas identitárias e na condução das aulas ministradas aos discentes.

PALAVRAS-CHAVE: Educação e formação humana; identidade docente; escolas básicas.

Introdução:

O conceito de formação humana permeia as principais discussões dentro e fora dos estabelecimentos escolares obstante ao conceito de que as escolas devam ser o local de formação do indivíduo para o mercado de trabalho e à tendência dos últimos 30 anos das escolas focarem mais nos resultados de seus estudantes nos exames e avaliações externos do que no tipo de pedagogia que leve, efetivamente, à formação integral dos discentes. Esse paradoxo: formação humana integral versus resultados quantitativos, aprovações e melhoria da nota no Ideb³ acabam por atingir e afligir os docentes, alterando suas identidades.

Ao mesmo tempo que querem - e são cobrados a trabalhar as principais dimensões da formação humana: trabalho, ciência, tecnologia e cultura - os professores também são responsabilizados pelos resultados obtidos pelos(as) alunos(as) no Ideb e nos vestibulares/Enem. Neste ponto reside uma tensão entre discentes e docentes: mesmo com todos os esforços por parte dos(as) professores(as) em legitimar a construção do conhecimento necessário e exigido, através dos currículos, para resultados positivos na vida acadêmica dos discentes e para os estabelecimentos de ensino, se os(as) alunos(as) não quiserem, não tiverem interesse ou não significarem esses conhecimentos, o processo não se completará. O fracasso escolar é um dos fatores de constituição e tensão das identidades docentes, uma vez que o trabalho do professor e, principalmente das escolas, só é temporariamente reconhecido se há promoção e sucesso por parte de seus(suas) alunos(as) na escola e “na vida”. Também é relevante destacar que cada indivíduo possui suas vontades e necessidades, que cada um prescreve, para si, o que almeja para o amanhã a partir das suas realidades e com os apoios que recebe, mas, entretanto, a escola é um local que molda e unifica o ensino, o que contribui, dessa

³ Índice de Desenvolvimento da Educação Básica. Mais informações em: <http://portal.inep.gov.br/web/portal-ideb/o-que-e-o-ideb>. Acesso: 17/06/2016.

forma, para que nem todos os estudantes se identifiquem e se sintam pertencentes ao ambiente.

Sobre Formação Humana Integral

A formação humana se assenta na ideia da integralidade formativa do indivíduo, onde os aspectos humanísticos, científicos, tecnológicos e culturais estejam incorporados e integrados aos currículos. Essa mesma formação implica, ao mesmo tempo, uma competência técnica e compromisso ético na atuação profissional futura, pautada pelas transformações sociais, políticas e culturais necessárias ao erguimento de uma sociedade mais igualitária. Nesse horizonte, essa perspectiva de formação, como salienta Ciavatta (2005), sugere a superação da divisão social histórica do trabalho entre a ação do executar (operacional) e ação do pensar (intelectual). Busca-se com a formação humana o direito completo do indivíduo de atuar como cidadão e fazer suas próprias leituras da realidade, ou seja, necessita-se de uma compreensão de aprendizagem enquanto processo relacional, o que pressupõe determinadas condições entre sujeitos e saberes (CHARLOT, 2001).

Para a superação de uma educação/ensino que coloca a formação humana integral em segundo plano, precisa-se superar, também, o modelo socioeconômico atual – neoliberalismo – e suas estruturas excludentes que financiam um projeto político e social. Seu forjar vem da constituição da sociedade capitalista a partir do século XVII e encontra vozes na atualidade nas diferentes camadas sociais, justamente porque a organização das escolas colaboram com a manutenção desse *status quo*.

Nessa seara contribui os pensamentos de Marilena Chauí sobre a sociedade brasileira atual, inserida no contexto da globalização, e a cultura do medo, que impõe e legitima as relações de poder em várias esferas da sociedade, onde a escola é, talvez, uma das mais poderosas instituições na manutenção do medo. Segundo a autora, a sociedade brasileira conheceu a cidadania através de um ineditismo: o senhor-cidadão, o que conserva a cidadania como privilégio de classe e faz concessões periódicas e regulares dessa cidadania às demais classes sociais. Acrescenta que esses indivíduos fazem da violência simbólica a regra da vida social e cultural. “*Violência tanto maior porque invisível sob o*

paternalismo e o clientelismo, considerados naturais e, por vezes, exaltados como qualidades positivas do 'caráter nacional'". (CHAUI)⁴.

Em consonância com essa estrutura da sociedade brasileira atual está a estruturação do ensino, onde, principalmente no ensino médio, se percebe a desigualdade entre as classes sociais. Os privilegiados hierarquicamente na sociedade estão nas escolas privadas, cuja finalidade é aprovar seus alunos nas universidades públicas em cursos melhores reconhecidos, o que reduz a formação humana à continuidade de estudos (unilateralidade). Outro pequeno grupo está nas escolas médias da rede federal, cuja finalidade de estudos é o nível técnico. A maioria dos jovens, e geralmente pobres, estão nas redes estaduais num ensino propedêutico, que nem proporciona profissionalização e nem o academicismo. Fora isso há ainda milhões de jovens e adultos que nem sequer estão matriculados ou abandonaram os estudos. Ou seja, esses últimos grupos estão à margem do que é apregoado para a formação cidadã e de seus valores constituintes.

O surgimento do fenômeno *escola moderna* advém de uma matriz pedagógica elaborada no século XVII, sob a crença de que a aprendizagem é feita na escola e não mais na vida. Com isso, num longo processo, os grupos sociais são desapossados de suas competências e prerrogativas em que o aprender se dava fazendo e ao ver fazer, já que a aprendizagem da criança ocorria na participação direta nas atividades da família. A educação na modernidade vem transformar a criança em adulto produtivo, inserindo-a nas práticas econômicas e sociais numa ordem que se afirma pela competência e pelo mérito. Assim, o sujeito da educação é reduzido a aluno para que se possa operar sobre ele enquanto lugar da falta, através de discursos e práticas regulados pelo que Narodowski (1999) chama de *dispositivo das utopias educativas* e que vão dando forma à escola e a todos os envolvidos na cena educativa. (NICHES, p.3)⁵

Acrescenta-se, aqui, o pensamento acerca das ideologias sobre as escolas nos fins do século XX e as dimensões sobre formação humana e para o mercado considerações por Niches (p.5):

Por volta dos anos 70/80 (do século XX) era fácil identificar críticas sobre a escola associadas a correntes ideológicas: a direita apontava a ineficiência da escola em atender às demandas sociais de preparação dos escolares para a vida produtiva e empresarial; já a esquerda, denunciava o caráter reprodutivista da escola sob a alegação de que esta não formava sujeitos críticos e autônomos, capazes de transformar a sociedade e lutar contra o sistema vigente.

⁴ <http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/humanismo/chaui.html>.

⁵ http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2010/Historia_da_Educacao/Trabalho/07_38_16_SIGNIFICADO_S_DO_MAL-ESTAR_DOCENTE_ENTRE_PROFESSORES_DE_HISTORIA.PDF. Acesso: 19/06/2016.

Sendo assim, pode-se pensar na ideia de que a formação humana integral contribui para formar seres humanos sem medo, onde a desnaturalização é necessária para questionar o projeto liberal burguês de sociedade e como este naturaliza as relações e cria instituições para apoiá-lo e, por consequência, uma verdadeira formação humana poderá preservar e incentivar as diversidades humanas. Amplia-se essas ideias com as considerações de Chauí sobre as lutas pelas conquistas da cidadania que estão ocorrendo no Brasil nas últimas décadas. A filósofa afirma que essas lutas e conquistas estão acontecendo em três níveis diferentes e simultâneos: o primeiro como exigência de se estabelecer uma ordem legal do tipo democrática, referindo-se ao direito de representação política. O segundo no estabelecimento das garantias individuais, econômicas, culturais, sociais e políticas delineando o estado de direito e sua conservação, e o terceiro no estabelecimento de um novo modelo econômico com redistribuição mais justa da renda nacional, desfazendo a excessiva concentração de renda e na garantia efetiva de participação dos menos favorecidos nas decisões que os afetam diretamente.

Na relação entre cidadania e formação humana, pode-se dialogar com Cury (2009) e Bauman (2005). Cury enfatiza que os conceitos de cidadania e nação são construções históricas e que, somente em um mundo globalizado, onde se ponha ênfase ao que é comum à espécie humana, é que a cidadania e a formação humana dar-se-ão de forma plena.

Para chegar a essas afirmações, Cury passa pelo conceito de formação humana da democracia da Grécia Antiga, onde essa formação só era possível se garantida a expressão e participação do indivíduo na vida política da *pólis*, ou seja, o cidadão tinha um dever para com a cidade e para consigo, onde a realização completa do ser humano é a cidade e seu sentido humano se contempla na educação para o exercício da participação nos destinos da *pólis*.

O autor aponta, também, o modelo de formação humana medieval, centrado na relação adequada entre os poderes secular e religioso. Através da autoridade da Igreja, forjavam-se as autoridades principescas e a constituição da formação humana: as leis divinas, as

naturais e as positivas (Igreja, família, Estado). Cury aponta também que, mesmo após o enfraquecimento político da Igreja Católica no início da Idade Moderna e o fortalecimento dos Estados modernos, que apresentarão outro constitutivo de formação humana, a formação dos indivíduos ainda precisa do caráter religioso, onde justifica a manutenção da disciplina de Ensino Religioso nas escolas laicas na atualidade.

Cury, ao construir o conceito de formação humana dos Estados modernos, erguido a partir dos séculos XVII e XVIII, demonstra que as ideias de comunidades locais e poderes políticos embasados em fundamentos ético-religiosos, darão espaço para o conceito de indivíduo através do estado contratual, base do poder dos Estados modernos. Auxilia-se à essa ideia, os pensamentos de Bauman (2005) sobre a construção das “identidades nacionais”⁶ nos Estados modernos. Elas eliminam as “identidades locais/comunitárias” em nome do projeto de nação, de democracia e de cidadania. O pertencimento e a subordinação incondicional perpassam pela ideia deste Estado como defensor dos direitos naturais dos indivíduos e um desses direitos é o da formação humana. “Aqui nasce outro sentido da formação humana. O indivíduo deve ser formado para apropriar-se dos conhecimentos necessários para si e para uma inserção racional no mercado contratual” (CURY, 2009). Nesse caminho, a escola constituída por este modelo de estado é reconhecida e se reconhece como um importante meio para a formação do indivíduo e de sua consciência, onde, neste espaço social, poderá absorver e dominar os conhecimentos fundamentais para sua inserção no mundo do trabalho, para interagir com seus pares e para alcançar a cidadania.

Finalizando essa discussão, mas sem a possibilidade de esgotá-la, dialogar-se-á com as importantes considerações de Neidson Rodrigues sobre o conceito de formação humana, principalmente no entendimento do papel das escolas sob essa formação. Primeiramente, ressalta-se a crítica que faz à concepção de que os processos escolares atuais são os fins e os meios de toda a Educação: *O Ser Humano, por não receber qualquer determinação por natureza, pode construir o seu modo de vida tendo por base a liberdade da vontade, a autonomia para organizar os modos de existência e a responsabilidade pela direção de suas ações. Essa característica do ser humano*

⁶ Por considerar o termo identidade intangível e ambivalente, Bauman sempre utiliza aspas ao utilizá-lo. Manteremos essa característica do sociólogo por concordarmos com seu ponto de vista.

constitui o fundamento da formação do sujeito ético (RODRIGUES, 2001), o que pode ser, nas reflexões de Rodrigues, o futuro (e o presente) da escola/educação.

O autor destaca que o processo formativo do ser humano varia conforme as organizações dos Estados nos diversos momentos da história e também como o vínculo entre Educação e ação formadora do ser humano variou entre os estados num mesmo determinado período histórico.

A ação educativa é um processo regular desenvolvido em todas as sociedades humanas, que tem por objetivos preparar os indivíduos em crescimento (crianças e adolescentes) para assumirem papéis sociais relacionados à vida coletiva, à reprodução das condições de existência (trabalho), ao comportamento justo na vida pública e ao uso adequado e responsável de conhecimentos e habilidades disponíveis no tempo e nos espaços onde a vida dos indivíduos se realiza. (RODRIGUES, 2001, p. 235).

Esse vínculo formativo é essencial na constituição do habitante dessas sociedades, e todas as instituições sociais concorrem nesse processo de formação. O ato educativo prepara os indivíduos para a vida social, preparando esses para o exercício da cidadania, independentemente do modelo de cidadania aplicado, o que nos faz concluir que os sentidos da formação humana depende de quem a opera, gerando diferenciadas formações humanas. Desse modo, explicitar esses conceitos (formação humana e cidadania) demonstra *a opção do modelo de sociedade, de organização social, de identidades históricas e de projetos de futuro em que eles estão considerados*. (RODRIGUES, 2001, p. 237). Ou seja, *após o seu nascimento e até sua adolescência devemos lhes fornecer os meios –que são externos – para que desenvolvam sua capacidade intelectual, afetiva, psíquica e moral*. (RODRIGUES, 2001, p. 242).

Portanto, a Educação visa a formação dos indivíduos em ações cooperativas, de inserção e de respeito às diversidades em luta por suas necessidades básicas, o que leva ao entendimento de que somente pela ação escolar, os indivíduos adquirem os elementos e saberes essenciais para a vivência em sociedade. Os saberes repassados pela escola são considerados cernes da inserção na cidadania e na vida política, o que alija desse processo aqueles que não passaram pela escola. Esse viés é um ponto crítico à nossa sociedade atual, pois desconsidera as formações advindas das outras instituições sociais. Sob esse aspecto, Rodrigues contribui muito sobre o que pode vir a ser (e está sendo) o futuro da escola:

Na medida em que os meios e as formas tradicionais de Educação (*Família, Igreja, Estado*) acham-se corroídos, começam a ser direcionados para a Escola os olhares dos povos, na esperança de que exerçam uma função Educativa e não apenas de Escolarização. (...) As crianças serão enviadas para a Escola cada vez mais cedo e nela permanecerão por um tempo mais extenso. E isso não será porque há um mundo novo de informações a ser processado e, sim, porque a Escola deixará de exercer o tradicional papel das famílias, das comunidades, da Igreja, e ainda, o que lhe é próprio: desenvolver conhecimentos e habilidades. Ela deverá se ocupar com a formação integral do ser humano e terá como missão suprema a formação do sujeito ético. (RODRIGUES, 2001, p. 254).

Sobre Identidade(s) e Identidades Docentes

A atuação dos(as) professores(as) na sua atividade profissional ocorre em determinado contexto histórico-sociocultural e em dados contextos interpessoais e relacionais. O sujeito docente se constitui não somente na formação inicial e continuada, mas também por sua atuação cotidiana. E essa formação se reflete em sua prática em sala de aula e nas relações com os colegas de trabalho e fora do ambiente do emprego. Para buscar entender a constituição dessas identidades docentes, far-se-á, primeiramente, um levantamento conceitual do que é identidade(s) na sociedade contemporânea.

Para Bauman (2005), a sociedade atual vive o “*problema da identidade*”. A globalização que afetou as estruturas estatais, as condições de trabalho, as relações entre os Estados, a subjetividade coletiva, a produção cultural, a vida cotidiana e as relações entre os indivíduos. Logo, as pessoas hoje buscam constantemente se identificar com algo, e a efemeridade dos produtos acabou se transpondo para o campo das relações pessoais, gerando diversas identificações possíveis ao sabor das necessidades momentâneas. *Em nossa época líquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, “estar fixo” – ser “identificado” de modo inflexível e sem alternativa – é algo cada vez mais malvisto.* (BAUMAN, 2005, p. 35).

Ao buscar se identificar com algum grupo, criar seu pertencimento, compreende-se as ambivalências da constituição identitária: a nostalgia do passado conjuga-se em total conformidade com a “modernidade líquida”. Coaduna com essa ideia as afirmações de Hall (2003) sobre a identidade cultural na pós-modernidade. Essa se tornou difusa devido às mudanças estruturais transformadoras da sociedade atual. Hall aponta para uma fragmentação das paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e

nacionalidade, que antes eram sólidas referências para o pertencimento dos indivíduos na sociedade. Logo, a identidade é um processo contínuo de redefinir-se e de inventar-se, uma busca incessante pelo pertencer e, por isso, é algo inacabado e inconcluso, assim como o sujeito, sendo constantemente criada e recriada.

Corroborar com essas crenças as afirmações de Dubar (2005) sobre a composição da identidade profissional: identidade de si (imagens identitárias), identidade para outrem (reconhecimento identitário) e identidade como produto (dinâmicas identitárias), ou seja, os docentes visam, atribuem e assumem determinadas posturas em busca do reconhecimento e pertencimento no grupo profissional em que está inserido. Suas imagens identitárias passam pelas suas experiências pessoais dentro de suas famílias e nas escolas. Muitos(as) professores(as) afirmam, principalmente os que estão no início da carreira, que as lembranças das atuações de seus docentes na escola básica são importantes referenciais nas suas atuações em sala de aula e na relação com os(as) alunos(as), contribuindo para sua identificação como profissional da educação. O seu caminhar na carreira profissional vai moldando o tipo de identidade que o docente quer/precisa ter em relação aos colegas de trabalho (onde nas trocas de experiências, se altera e se constrói a identidade). Acrescenta-se, nesse processo, o reconhecimento e valorização social da profissão, complementando o produto nomeado identidade docente.

A esse caminho formativo, contribuí as verificações das fases do ciclo de vida dos professores propostas por Nóvoa, Huberman, Goodson, Holly, Mota, Gonçalves, Fontoura e Bem-Peretz (1989). Esses pesquisadores estabelecem fases do desenvolvimento da carreira docente, que são: a entrada na carreira, a fase de estabilização, a fase de diversificação, serenidade e distanciamento afetivo e desinvestimento. Logo, o conceito de desenvolvimento profissional é coerente quando pensamos no(na) professor(a) como profissional do ensino. Além disso, esse conceito visa romper com a tradicional fragmentação entre formação inicial e continuada, passando a ideia de evolução e continuidade ao longo da carreira (IZA, BENITES, SANCHES NETO, CYRINO, ANANIAS, ARNOSTI, SOUZA NETO, 2014).

A identidade é o entendimento de um processo socialmente construído de um sujeito situado em determinado período histórico e geográfico. Em se tratando da identidade

profissional, esta é constituída baseada na significação social da profissão, em seu fluxo histórico e em suas tradições e contradições. A profissão docente, assim como outras profissões, surge num contexto como resolução às necessidades postas pela sociedade, constituindo-se num corpo organizado de saberes e um conjunto de normas e valores (BENITES, 2007).

Sendo assim, o identidade profissional docente (o “ser professor”) ocorre num longo processo construtivo, pois é necessário tempo para assimilar a formação, compreender e aprender como agir, tomar decisões e para se reconhecer como formador de futuras gerações, principalmente. Essas experiências individuais e profissionais que formam as identidades docentes estão envolvidas, segundo Mockler (2011) em três dinâmicas: o ambiente externo da política, o contexto profissional e a experiência pessoal. Cada qual dessas dinâmicas apresenta condutas diferenciadas do professor, resultando num melhoramento qualitativo da compreensão e envolvimento de si mesmo, das esferas políticas e do campo de atuação laboral.

Por fim, mas, novamente, sem a possibilidade de esgotamento do tema, tem-se as contribuições sobre as identidades profissionais de Marcelo (2009) que podem ser inseridas nessa dialética. O autor aponta que essas se constituem como uma interação entre a pessoa e suas experiências individuais e profissionais. No caso das experiências individuais, são relevantes as questões socioculturais, socioeconômicas, étnicas, de gênero, religiosas, de acesso aos bens materiais e culturais da sociedade e de estrutura de formação acadêmica dos progenitores. No caso das experiências profissionais, são relevantes as questões de identificação de/no grupo, reconhecimento social, contexto socioeconômico-histórico em que está inserido o docente, valorização profissional e social e o impacto das reformas educacionais na trajetória de vida desses docentes. Vale salientar que as identidades docentes são mutáveis e têm relação direta com o contexto social em que estão inseridas.

Em relação às multifacetadas identidades docentes, Marcelo (2009) elenca características sobre a identidade profissional docente:

- A. As identidades profissionais é um processo evolutivo de interpretação e reinterpretação de experiências, uma noção que coincide com a ideia de que

o desenvolvimento dos professores nunca para e é visto como uma aprendizagem ao longo da vida.

Nesse quesito, percebe-se a importância de aprofundar seus estudos na área de atuação, e/ou como os anos de prática, altera(ra)m a exposição e dinâmica das aulas ministradas e interfer(em)iram na sua identidade como professor(a). Nesse caso, também, podem-se analisar, na construção de sua identidade profissional, as escolhas ao longo da carreira.

- B. As identidades profissionais envolvem tanto a pessoa, como o contexto. As identidades profissionais não são únicas. Os professores se diferenciam entre si em função da importância que dão às características, desenvolvendo respostas ao contexto.
- C. As identidades profissionais docente são compostas por subidentidades mais ou menos relacionadas entre si. Essas têm relação com os diferentes contextos nos quais os professores se movimentam e, quanto mais importância tem uma dessas subidentidades, sua modificação é mais difícil.

Em relação a essas duas características, as identidades dos(as) professores(as) podem variar de acordo com suas experiências pessoais, o local de sua formação inicial, a rede de ensino em que está inserido (municipal, estadual, federal e privada – ainda mais devido ao fato de cada rede possuir políticas públicas diferenciadas – e/ou em mais de uma rede de ensino concomitantemente) e as classes sociais atendidas. Acrescenta-se que, por ser o Brasil um país de dimensões continentais, as identidades deverão variar conforme os locais geográficos de atuação, uma vez que o país possui múltiplas culturas e necessidades locais e regionais, e identidades que sofrerão variações dentro da mesma cidade e unidade federativa, por causa dos diversos fatores que influenciam a pessoa do(da) professor(ra), como gênero, etnia e origem ancestrais.

A essas duas características contribuem, também, as ponderações sobre os saberes docente e formação profissional de Tardif (2003), ao expor as possibilidades de ressignificação dos processos de profissionalização através de uma identidade profissional com a profissão docente. As variáveis possíveis diante do gigantismo territorial brasileiro atrelado às suas diferenças regionais, econômicas, culturais e

sociais, em conversa com as reflexões de Tardif, contribuem para a compreensão das relações humanas, que são características do trabalho docente.

- D. As identidades profissionais contribuem para a percepção de autoeficácia, motivação, compromisso e satisfação no trabalho dos docentes. As identidades são influenciadas por aspectos pessoais, sociais e cognitivos.

As identidades docentes são dinâmicas e variam ao longo do tempo devido a diversos fatores de ordem pessoal, socioeconômico, cultural, territorial, histórico e de desenvolvimento tecnológico.

12

Sobre a aplicação do conceito de Formação Humana e sua influência na(s) Identidade(s) Docente(s)

Por meio da narrativa de memória, buscou-se, num microcosmo, entender como o conceito de formação humana está inserido na prática docente e sua relação com as identidades dos profissionais selecionados. Tendo como base um conjunto de perguntas e a ressalva de que deveriam ser respondidas com base no entendimento primário das mesmas, a intenção foi justamente visualizar o entendimento e a discussão, na formação profissional, do que é formação humana e sua apreensão pelos indivíduos, além da sua aplicação na formação das novas gerações e como os saberes sobre formação humana influenciam, singularmente, as formas identitárias dos profissionais.

A escola escolhida possui 48 profissionais no quadro docente, 03 profissionais de atendimento educacional especializado (AEE), 03 supervisores/orientadores, 02 vice-diretoras, 01 diretora e atende alunos(as) dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio. Para o levantamento empírico qualitativo para a escrita desse texto, foram recolhidas as observações de 08 professores das quatro áreas de conhecimento do currículo (Ciências Humanas, Ciências da Natureza, Linguagens e Matemática); 02 professoras AEE e de 01 vice-diretora.

Sobre o conceito de formação humana, a maioria dos profissionais ressaltaram a formação do sujeito para a vivência em sociedade, portador de deveres e direitos e que, a escola, contribui nessa formação ao transmitir saberes científicos e conhecimentos importantes para essa inserção. Ressalta-se, também, que a maioria dos(as)

professores(as) entendem que a escola possui um dever formativo e contributivo na formação dos valores morais e de cidadania dos públicos que atende.

Como educação e formação humana entendo que, somos nós educadores atuando na formação do indivíduo como ser pensante, crítico, responsável, capaz de reconhecer tanto deveres como direitos. (KCMPS/MAT/EM)⁷.

A educação é necessária para que o Homem seja constituído. O ato de formar o ser humano se dá tanto de fora para dentro, quanto de dentro para fora, em uma perspectiva de construção de um sujeito crítico, reflexivo, participativo e ético. (JR/LP/EM).

Acredito que educação é o ato ou efeito de se passar uma educação formal de forma tradicional, ou não, para o indivíduo. No entanto é passado, para o mesmo, o conhecimento histórico e cultural. Já a formação humana passa por um desenvolvimento humano, ou seja, através dos conhecimentos sociais, éticos, etc., principalmente trabalhando valores humanos. Para tanto, a educação e a formação humana se fazem necessários para capacitar este indivíduo a transformar o seu meio. (ACSB/AEE/EF2).

Educação e formação humana são complementos entre si. Na minha opinião, educação é a formação de valores humanos, religiosos e sociais que recebemos primeiramente dentro da família. Formação humana, recebemos durante toda a vida, e dentro da escola, através das disciplinas oferecidas aos alunos. (PSC/LP/EF2/EM).

Outro questionamento aos profissionais da escola foi o contato com o tema formação humana durante sua formação (inicial e continuada). Nesse quesito, os entrevistados foram enfáticos em afirmar que as discussões sobre formação humana estão muito presentes durante a graduação (principalmente nas disciplinas da Licenciatura), nos eventos como Congressos, Seminários e Palestras e na formação continuada (pós-graduação). Essas discussões durante a formação são considerados, pelos entrevistados, de suma importância para a atuação em sala de aula através dos conceitos fundamentais da educação e formação humana.

Esse tema é amplamente debatido em todas as disciplinas durante todo o curso. Na Educação Física é levado muito a sério. Nosso objeto de estudo é o corpo humano em movimento e, para movimentar-se, o ser humano se choca com outros seres, e essa interação tem que ser trabalhada, pesquisada e melhorada em todos os aspectos no que concerne ao relacionamento humano. (MTS/EDF/EF2).

⁷ Para identificação foi utilizado as iniciais dos nomes dos entrevistados, a disciplina/matéria lecionada e em qual modalidade de ensino.

Sempre o conceito de formação humana esteve presente, principalmente nas matérias ligadas a psicologia da educação e didática. (DSO/MAT/EF2).

Dois entrevistados salientaram que o conceito de formação humana vai além da formação para as atividades profissionais e que os outros meios sociais de interação são importantes fontes para a elaboração do que entendem sobre o tema, remetendo a uma afirmação de Freire (1979, p. 20): *quanto mais me capacito como profissional, quanto mais sistematizo minhas experiências, quanto mais me utilizo do patrimônio cultural, que é patrimônio de todos e ao qual todos devem servir, mais aumenta minha responsabilidade com os homens.*

14

No decorrer da vida a gente passa por transformações, se tornando mais cidadãos ou mais humanos, independente de palestras ou curso de graduação. É um caminho que percorri e continuo a percorrer. Aprender coisas novas com pessoas experientes e sábias é uma construção que procuro para aprimorar meu intelecto e minha moral. Mas, aprendi (aprendo) muito assistindo a palestras edificantes, fazendo cursos e observando as pessoas. (VLVG/AEE/EF2).

Não posso dizer que esse conceito tenha sido adquirido em algum lugar específico, pois meus vinte e seis anos de magistério, graduação e pós-graduação, palestras, seminários, discussões entre colegas e leituras fazem parte dessa construção. (CLLB/VD/EF2).

Sobre a aplicação do conceito de formação humana no processo educativo dos jovens atendidos pelo grupo pesquisado através da regência em sala de aula e no ambiente escolar, as respostas são mais diferenciadas. Algun(ma)s professores(as) enfatizaram mais a demonstração de como os conteúdos e conceitos transmitidos em sala são importantes para os processos cotidianos; outros profissionais destacaram a adequação do currículo e de seus assuntos à realidade de meio que vive o público atendido e alguns professores sublinharam que, para uma formação humana na educação escolar, a participação dos alunos nas aulas ministradas são de extrema importância, construindo significados e ressignificando outros.

Cada aluno é um indivíduo e como tal se comporta de maneira diferente, dentro de uma sala de aula cada pessoa reage de uma maneira diferente. Entender que dentro de uma mesma situação vamos encontrar reações diferentes e saber lidar com essas reações de forma a acrescenta de maneira significativa na vida do aluno é a maneira que encontro para aplicar a formação humana. Mostrar que a matemática tem a sua aplicação no mundo prático de modo a contribuir para resolução de situações problemas é aplicar a formação humana. (DSO/MAT/EF2).

A aprendizagem é necessária não de forma unidirecional. Durante as aulas busco aproximar o conteúdo à realidade e ao meio que estão inseridos. A transmissão de novos saberes haverá de maneira participativa (através de perguntas, indagações, dúvidas) e com compartilhamento de suas vivências. Isto gera a construção do seu próprio saber e respostas às suas indagações. (DFB/CIEN/BIO/EF2/EM).

Através de discussões em sala de aula referentes a direitos e deveres de cada cidadão. Expondo as formas de dominação capitalistas. Permitindo que o aluno expresse sua opinião durante as aulas e paralelamente argumento e exemplifico determinados assuntos. (ACR/GEO/EM).

Ao sondar os conhecimentos prévios dos estudantes, bem como compreender suas perspectivas e expectativas em relação ao ensino escolar, busco disponibilizar ferramentas a eles para que possam ampliar seus conhecimentos e encontrar formas de utilizá-los em seu cotidiano, compreendendo a Escola como base para a vivência cotidiana e sua responsabilidade na construção de uma sociedade melhor. (CLLB/VD/EF2).

Uma das falas dos profissionais pesquisados chama atenção por sua relação com as considerações já citadas anteriormente, de Rodrigues (2001), acerca do futuro/atuais papel da escola e de seus profissionais em searas que, anteriormente, pertenciam a outras instituições sociais e profissionais:

Primeiramente tento conhecer a realidade do aluno e o meio em que ele vive, pois acredito que cada ser é uno, por isso não existe uma única forma de chegar até ele. Acredito que todo educador é meio pai/mãe e psicólogo. Acredito, também, que a educação e a formação humana devem passar pela afetividade. (ACSB/AEE/EF2).

Por fim, mas não menos importante, tem-se as memórias desses profissionais em relação à influência do conceito de formação humana em suas identidades docentes, ou como pronuncia Dubar (2005), formas identitárias. As formas identitárias desses docentes são influenciadas por esse conceito ao entenderem que participam na construção das identidades dos(as) alunos(as), possibilitam sonhos, formam para atuação participativa e cidadã. Esses(as) professores(as) entendem a importância do papel social de sua profissão para a inserção das futuras gerações no seio da sociedade, ressaltaram como a convivência com esses(as) alunos(as) alteram suas formas de enxergar o mundo e de como agir e se posicionar enquanto profissionais da Educação.

Está ligado diretamente à interpretação social de minha profissão, numa relação com projetos educacionais e entendendo a escola não como um espaço aleatório, mas um cenário onde a objetividade se faz presente. (JR/LP/EM).

A formação é uma valorização do ser como um todo e não apenas o intelectual. Temos em mão a dura missão de inserir na sociedade cidadãos formadores de opiniões, participativos e críticos, e não simplesmente máquinas programadas a operar determinadas funções. Buscar o conhecimento, acompanhar as mudanças, ser flexível. (DFB/CIEN/BIO/EF2/EM).

Acredito que como trabalhamos com todos os tipos de alunos, de todas as classes, etnias e religiões, a formação humana e a educação se integram. É importante trabalhar com a diversidade, com a pluralidade do ser. (PSC/LP/EF2/EM).

Somos formadores de opinião, preocupados com a integridade, respeito e cobrando todos esses princípios de cada indivíduo e não só deixar pra lá, mostrar que nos importamos. (KCMP/MAT/EM)

Observando e refletindo sempre sobre todos os acontecimentos que nos abordam diariamente e tirando para vivência que tenho em sociedade escolar e de modo em geral. Procurando me espelhar nas boas e belas ações que surgem em meios a tantos tropeços que acontecem na minha vida e na vida das outras pessoas. Todos os dias também acontecem belas e boas coisas nesse mar de corrupção e injustiças. Muitos exemplos de força de vontade e superação estão sempre surgindo. (VLVG/AEE/EF2).

Influencia completamente, pois sei da responsabilidade da minha profissão e tento buscar cada vez mais estratégias para que eu possa saber lidar com as adversidades, as quais, nos dias de hoje são verdadeiramente desafiadoras. (ACSB/AEE/EF2).

Nessa seção, ressalta uma das falas, que transmite uma sensação de muitos profissionais da educação em relação à formação humana e sobre as influências que as escolas recebem na atualidade:

Me sinto aflita ao perceber que a cada dia a educação escolar se distancia cada vez mais de formar seres humanos capazes de produzir as condições de reprodução da vida e das formas sociais de modo autônomo e ao mesmo tempo individualizado. Porém vários entraves (dentro da instituição escolar e fora dela) durante o percurso do aluno prejudicam o processo de formação de cidadãos conscientes e livres. Por vezes me sinto incapaz de desconstruir certas ideias contrárias as noções de bem coletivo e isso me deprime. (ACR/GEO/EM).

Considerações finais

Através das narrativas de memória desses profissionais dessa específica escola do município de Belo Horizonte, pode-se perceber que o conceito de formação humana é bem presente nos saberes docentes e nas práticas pedagógicas cotidianas e nos seus processos formativos, o que influencia, significa e ressignifica suas formas identitárias. Os entrevistados comunicam que as discussões acerca do papel do docente na formação

das futuras gerações, pautados nas relações de deveres e direitos e participação ativa na cidadania - elementos chaves da formação humana - estão/são presentes nos processos formativos inicial e continuado. Acrescentam, também, a bagagem formativa fora do ambiente profissional, vinculados às suas histórias de vida.

Esses profissionais entendem a formação humana como elemento essencial em suas práticas em sala de aula e como norteador da transmissão dos conhecimentos exigidos nos currículos, adequando-os às realidades de cada educando e trazendo sentido e significações às realidades de vida desses, o que dialoga com os principais teóricos do tema.

Além disso, por suas narrações, percebe-se como o conceito de educação e formação humana perpassam por suas formas identitárias individuais e coletivas. As identidades docentes são alteradas, assumidas, ressignificadas, constituídas e reconstituídas ao longo da carreira. As discussões sobre formação humana nos processos formativos desses profissionais e as realidades vivenciadas na escola e fora dela (seus meios sociais, territoriais, familiares e de classe, dentre outros) formam um caleidoscópio donde esses profissionais se adequam às diversas realidades: de cada sala de aula, de cada discente, a cada ano de trajetória profissional.

Dessa forma, se percebe que os cursos de formação de professores estão engajados na proposição de formar profissionais para atuarem de forma a transmitir os conhecimentos necessários e exigidos pela conjuntura social contemporânea sem perder o lado ético, moral e de participação e formação cidadã, mesmo que, ressalva-se, os diferentes sistemas de ensino em que esses indivíduos irão atuar, enfoquem em maior ou menor grau uma das duas atuações, o que, claramente, altera e ressignifica as formas identitárias dos docentes.

Por fim, enxergar-se, também, que, mesmo com a presença significativa do conceito de formação humana nos cursos de licenciatura e nas formações continuadas, ainda se precisa dar mais ênfase às diversas modalidades de ensino para que os docentes possam atuar de forma melhorada e mais influente de acordo com o público atendido. Percebe-se, aqui, a pouca informação e discussão nas licenciaturas para a atuação específica na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e os poucos estudos sobre as propostas

pedagógicas de Paulo Freire para essa modalidade e, acrescenta-se, suas contribuições também para as outras modalidades de ensino. As propostas pedagógicas de Paulo Freire contribuem, e muito, para esse processo de educação e formação humana, mas, nem sempre, suas indagações e proposições são discutidas e aprofundadas nos cursos de licenciatura.

Referências

ANANIAS, E. V.; ARNOSTI, R. P.; BENITES, L. C.; CYRINO, M.; IZA, D. F. V.; SANCHES NETO, L. e SOUZA NETO, S. de. *Identidade docente: as várias faces na constituição do ser professor*. Revista Eletrônica de Educação, v.8, n.2, p. 273-292, 2014. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br>.

BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BENITES, L. C. *Identidade do professor de Educação Física: um estudo sobre saberes docentes e a prática pedagógica*. 2007. 199f. Dissertação (Mestrado em ciência da Motricidade). Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro-SP, 2007.

CHARLOT, B. *Os jovens e o saber: perspectivas mundiais*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CHAUÍ, M. *Direitos humanos e medo*. In: <http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/humanismo/chau.html>.

_____. *As humanidades contra o humanismo*. In: <http://angg.twu.net/LATEX/chau-hch.pdf>

CIAVATTA, M. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. In: RAMOS, M.; FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. (Orgs.). *Ensino médio integrado: concepção e contradições*. São Paulo: Cortez, 2005, p. 83-105.

CURY, C. R. J. *A Educação e os Sentidos da Formação Humana*. Revista inter-Ação, UFG, v. 34, n. 1 (2009).

DUBAR, Claude. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. Tradução de Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FREIRE, P. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. *Educação como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003.

MARCELO, Carlos. A identidade docente: constantes e desafios. *Form. Doc.* Belo Horizonte, v.01, n.01, p. 109-131, ago./dez. 2009. Disponível em: <http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br>.

MOCKLER, Nicole. Beyond 'what words': understanding teacher identity as a practical and political tool. *Teachers and Teaching: Theory and Practice*, v.17, n.5, p. 517-528, oct. 2011.

NICHES, C. C. *Significado do mal-estar docente entre professores de História*. São Leopoldo, Dissertação (mestrado), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2010.

_____. *Significado do mal-estar docente entre professores de História*. Disponível em:

http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2010/Historia_da_Educacao/Trabalho/07_38_16_SIGNIFICADOS_DO_MAL_ESTAR_DOCENTE_ENTRE_PROFESSORES_DE_HISTORIA.PDF. Acesso: 19/06/2016

NÓVOA, António (org.). *O ciclo de vida profissional dos professores*. 1989. Disponível em: <https://andreluizsilva.files.wordpress.com/2012/09/huberman-m-o-ciclo-de-vida-profissional-dos-professores.pdf>.

RODRIGUES, N. *Educação: da formação humana à construção do sujeito*. Educação e Sociedade, Campinas, v. 22, n. 76, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v22n76/a13v2276.pdf>

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.